

A CINEMATOGRAFIA PARAIBANA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Virgínia de Oliveira Silva

Centro de Educação - UFPB, Brasil

cinestesico@gmail.com; virluma@gmail.com

José Diones Nunes dos Santos

Rede Municipal de Ensino de Camalaú - PB, Brasil

dhionesaccon@yahoo.com.br

RESUMO

Dada a obrigatoriedade da exibição de, ao menos, duas horas mensais de cinema nacional nas escolas da Educação Básica do Brasil, trazida pela Lei 13.006/2014, que modifica a Lei 9.394/1996, na primeira parte desse texto, situamos exemplos de ações de formação cinematográfica na Paraíba, que surgem mais do voluntariado de seus sujeitos do que de políticas públicas voltadas para o setor; foca o Projeto Cinestésico e o Laboratório JABRE, e apresenta frutos que essas ações vêm obtendo. Na segunda parte, analisamos desdobramentos que essas e outras ações ocasionam no Cariri Paraibano. Vinculados ou não às universidades, com ações contínuas e/ou pontuais, esses projetos criam em jovens de diferentes cidades o desejo de fazer cinema, gerando frutos e expandindo a penetração dessa arte na Paraíba. Destacamos os projetos que qualificam a produção de filmes locais, que podem se tornar referências nas escolas paraibanas no cumprimento da obrigatoriedade citada.

Palavras-chave: Cinema, Educação, Paraíba, LDBEN, Interiorização.

1. FORMAÇÃO

Ao explicitarem sobre a expressão-verbete “teoria do cinema”, Aumont e Marie (2003, pp. 289-291) classificam-na em seis principais orientações, a saber: cinema como reprodução ou substituto do olhar; cinema como arte, cinema como linguagem, cinema como escritura, cinema como modo de pensamento, cinema como produção de afetos e simbolização do desejo. Afinado com a quinta dessas orientações teóricas, Deleuze (1983; 2007) afirma que a arte cinematográfica pode ser considerada um campo de conhecimento, atuando junto - tanto como as artes plásticas, a literatura e a filosofia - com outros ramos do pensamento; colocando assim a sua cinefilia ao lado de sua filosofia. Duarte (2002) recompõe de modo breve a concepção do termo cinefilia, apontando os cinéfilos como “espectadores privilegiados” de cinema, frequentemente mais críticos, mais informados e mais politizados do que os demais, formam-se uns aos outros permanentemente, de geração em geração. (...) Para eles, o cinema atua como elemento aglutinador e como fonte inequívoca de conhecimento, de formação e de informação, configurando-se, assim, como uma prática “eminentemente pedagógica”. (Duarte, 2002, pp.80-81)

Enquanto Bergala (2008) ressalta que “(...) a arte não pode depender unicamente do ensino, no sentido tradicional de disciplina inscrita no programa e na grade curricular dos alunos, sob a responsabilidade de um professor especializado recrutado por concurso, sem ser amputada de uma dimensão essencial. (p.29)”

Considerando a relevância de tais apontamentos e o espaço escolar como local de produção e socialização do conhecimento, por excelência, pinçamos, dentre nossas leituras e pesquisas, para analisarmos no presente trabalho, propostas que aproximem Cinema e Educação no estado da Paraíba. Historicamente, podemos datar no tempo - sem medo de cometer grandes equívocos - que o processo de capilarização da formação, produção e exibição cinematográficas na Paraíba toma força e vigor a partir do ano de 2007, como podemos vislumbrar através das ações de projetos variados, tais como: *Paraíba Cine Senhor (2007)*; *Cinema Adentro (2007)*; *Projeto Cinestésico (2008)*; *VIAção Paraíba (2008)*; e *Laboratório para Jovens Roteiristas do Interior da Paraíba – JABRE (2011)*.

Outra ação de longevidade observável no estado é o *Projeto VIAção Paraíba*. Surgido em 2008, coordenado pelo servidor técnico administrativo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e premiado cineasta, Torquato Joel, o *VIAção Paraíba* vem desenvolvendo suas ações sem interrupções desde então. O Projeto já percorreu vários municípios paraibanos (dentre eles, Alagoa Grande, Bananeiras, Boqueirão, Capim, Conceição, Congo, Coremas, Dona Inês, Itaporanga, Monteiro, Nazarezinho, Picuí, Pocinhos, Princesa Isabel, Rio Tinto, São João do Rio do Peixe, Sapé, Serra Branca e Umbuzeiro), levando o minicurso “Aprendendo a Ler Imagens em Movimento”, ministrado pelo seu próprio coordenador, e uma mostra de filmes de curtas-metragens nordestinos, dando ênfase à produção paraibana.

Observando que havia um crescimento do interesse nas atividades do *Projeto VIAção Paraíba* por parte de estudantes universitários que se tornam a posteriori excelentes multiplicadores em diversas cidades pequenas, em 2010, por exemplo, o coordenador Torquato Joel o desenvolveu em cidades maiores e com campus universitário: Patos, São Bento e Cuité, respectivamente, em abril, maio e julho, patrocinado pelo Programa BNB de Cultura, com parceria do BNDES e o apoio das Prefeituras Municipais contempladas. Nesse referido ano, além da oficina e da mostra de curtas-metragens produzidos na Região Nordeste, o *VIAção Paraíba* promoveu debates sobre o movimento de imigração para os grandes centros, as dificuldades de adaptação e o preconceito contra os nordestinos, intencionando estimular no interior do estado uma reflexão sobre essa realidade através de filmes que abordassem o tema.

Segundo o seu coordenador, em nota veiculada em 2010 pelo site da Agência de Notícias do Pólo Multimídia da UFPB, o *Vição Paraíba* busca “estimular o surgimento de associações culturais, cineclubes e de realizadores de audiovisual nas pequenas cidades, com a *produção de obras sobre a realidade, fatos históricos e o imaginário local.*” (Grifos nossos). Mais uma vez, aqui lembramo-nos dos apontamentos trazidos por Guigue: “O cinema pode ser apreendido [...] como experiência de vida. O que significa que ele pode ser outra coisa ou mais do que um objeto estético suscetível de ser julgado belo ou agradável. Ele pode marcar profundamente nossa existência da mesma forma que a literatura ou a música. Uma experiência de vida põe em jogo muito mais coisas do que o nosso simples gosto, ela põe em jogo nossa própria existência e aquilo que somos”. (2004, p. 324)

A terceira ação dentre as existentes na Paraíba em torno da formação cinematográfica que queremos destacar é o *Projeto Cinestésico – Cinema e Educação*, criado em 2008, pela professora Virgínia de Oliveira Silva, dentro da Linha de Pesquisa *Linguagens Audiovisuais, Formação Cidadã e Redes de Conhecimento* do Grupo de Pesquisa *Políticas Públicas, Gestão Educacional e Participação Cidadã*, que coordena no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. Em suas ações, o *Cinestésico* procura articular o tripé universitário - a pesquisa, o ensino e a extensão, para atingir os quatro grandes objetivos de seu escopo, a saber: pesquisar, exibir, debater e produzir audiovisual na Paraíba. O *Cinestésico* vem se dedicando em todos seus oito anos de existência às tarefas de levantamento de títulos, de curadoria, de realização de oficinas sobre a linguagem cinematográfica, de laboratórios de roteiros e de produções de curtas-metragens, além de difusão da cinematografia paraibana em atividades cineclubistas e mostras de filmes, tanto dentro dos limites do próprio estado em que se situa quanto nos do estado do Rio de Janeiro.

Na capital da Paraíba, um grande parceiro das ações do *Cinestésico* é o *Projeto Vição Paraíba* com o qual há cinco anos vem desenvolvendo variadas ações, como o exitoso *Laboratório de Roteiros para Jovens do Interior da Paraíba – JABRE*, que tem rendido excelentes roteiros e gerado filmes premiadíssimos em festivais no Brasil e no exterior.

Na capital fluminense, a coordenadora do *Cinestésico* firmou parcerias com dois importantes Grupos de Pesquisas pertencentes à Linha *Cotidiano, Redes Educativas e Processos Culturais* do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPEd-UERJ: o GP *Currículos, Redes Educativas e Imagens*, coordenado pela Prof.^a PhD Nilda Alves, e o GP *Culturas e Identidades no Cotidiano*, coordenado pela Prof.^a PhD Mailsa Passos. Destas parcerias surgiram muitos frutos, tais como duas oficinas ministradas por membros do *Cinestésico*, da *Produtora Gravura* e da *Fauno Filmes* (com quem o *Cinestésico* possui parceria no estado de Pernambuco). Sendo uma oficina sobre *Linguagem Cinematográfica* e outra sobre *Cinema, Educação e Movimentos Sociais*, durante os VII e VIII Seminários Internacionais – REDES, em 2013 e 2015, respectivamente.

Outra ação relevante que se dá tanto no estado da Paraíba quanto no estado do Rio de Janeiro é a *Mostra Interestadual do Cinema Paraibano - PB/RJ*. Ao longo de suas edições, a *Mostra* já promoveu a circulação e o debate de filmes produzidos em diferentes cidades das diversas macrorregiões paraibanas pelas seguintes cidades do estado da Paraíba: Bananeiras, Cabaceiras, Cajazeiras, Congo, Coremas, Duas Estradas, Mari, Nova Olinda, Queimadas, Solânea, Sousa e João Pessoa. No estado do Rio de Janeiro, as edições das *Mostras* circularam em três municípios, a saber: na cidade do Rio de Janeiro - capital fluminense -, em Seropédica e em Nova Iguaçu. Promovendo a circulação e o debate de 150 títulos do cinema paraibano, dentre ficções, documentários e experimentais, durante o período das nove edições da *Mostra Interestadual*, compreendido nos anos que vão de 2008 a 2016, sem contar a de 2017.

Com honrosas exceções, já há um bom tempo, a trajetória e o conteúdo da produção cinematográfica paraibana necessitavam de ser objetos de análises mais rigorosas e profundas, se não em todas, pelo menos em boa parte de suas diferentes nuances e proposições possíveis. Então, diante deste quadro e à luz do novo texto normativo da Lei 13.006 (BRASIL, 2014), ainda a ser regulamentado, o *Cinestésico* dedicou-se a voltar o foco do objeto da escrita que já realizava sobre o cinema nacional e mundial, especificamente, para as produções pertencentes ao universo da cinematografia paraibana, para socializar essas reflexões com um público qualificado, como forma de dar visibilidade, promover resistência política e garantir a entrada do cinema da Paraíba nos espaços educacionais. Para isso, passou a buscar obter os aceites de seus artigos sobre o cinema paraibano em eventos especializados.

Em 2017, o *Cinestésico* lançará a *Coletânea Cinema Paraibano e suas Interfaces*, como um desdobramento de suas ações, entendendo que para o amadurecimento e para a consagração da produção cinematográfica de um dado local, é preciso haver também a realização constante de uma fortuna crítica que reflita, questione e instigue tal cinematografia, divulgando-a e qualificando-a em suas possibilidades de construção. Nessa atividade, o *Cinestésico* não esgota a totalidade das questões e temáticas que a, cada vez mais variada e esteticamente rica, produção do cinema paraibano vem configurando, desde a sua origem na década de 1920 com Walfredo Rodrigues, até as suas realizações imagéticas e sonoras mais recentes, que vêm alargando a restrita zona produtiva, polarizada até pouco tempo entre Campina Grande e João Pessoa, surgindo de Leste a Oeste e de Norte a Sul do estado. E esgotar tal diversidade e complexidade nem poderia de fato ser a sua intenção. Se, por um lado, o que o *Projeto Cinestésico* se propôs a fazer possui reconhecidas limitações desde a sua origem, por outro, revela também alguns avanços na tentativa de diminuir um pouco o enorme débito que existe para com a memória e o registro escrito sobre o cinema do nosso estado. Tal débito é refletido na longa ausência de uma reflexão que se debruçasse com atenção sobre a produção da filmografia da Paraíba, com um fôlego maior do que o revelado em seus releases promocionais, replicados pelas mídias.

A inexistência de uma produção mais constante neste sentido pode ser causada pelo desinteresse que campeia o meio cultural em relação à filmografia paraibana ou pela impotência dos críticos, incluindo-se aqui os próprios críticos locais, diante da volumosa e insaciável invasão de filmografia estrangeira (leia-se, estadunidense) no mercado exibidor interno. Seja como for, a coordenadora do *Cinestésico* prosseguiu com seu intuito de fomentar a produção da crítica acerca do cinema produzido

na Paraíba, assim, realizou uma intensa curadoria para selecionar alguns filmes paraibanos, dentro do leque vastíssimo desta cinematografia, agrupando-os, em quatro temáticas que julgou pertinentes, sobretudo no tocante ao aspecto de sua possível entrada no âmbito escolar no possível cumprimento da Lei nº 13.006 (BRASIL, 2014), a saber: Gênero, Sociedade, Cotidiano e Imaginário.

1.1. Um projeto como frutos de outros

Se há bem pouco tempo, só jovens de Campina Grande e de João Pessoa conseguiam, mesmo que com dificuldades, produzir seus filmes na Paraíba, hoje em dia, isso vem se modificando intensamente, ou seja, apesar da ainda lastimável falta de investimento digno no Setor Audiovisual da Paraíba, a atual geração de cineastas está representada por todo o estado e produz filmes que vêm sendo valorizados nos espaços e janelas em que se inserem. Isso revela uma penetração geográfica e uma multiplicação quantitativa e qualitativa da produção cinematográfica paraibana como não se testemunham em nenhum outro estado brasileiro, seja vizinho como Pernambuco com seus R\$ 23.000.000, 00 para o Setor, seja nos distantes estados do Sudeste, como RJ e SP, com a concentração de riqueza dedicada à área. Nesses 3 estados, o que percebemos é a forte concentração orçamentária nos limites geográficos das capitais, ou melhor, em alguns bairros destas capitais!

Parte considerável da novíssima geração de cineastas paraibanos, sobretudo a situada no interior da Paraíba, obteve sua formação audiovisual a partir do contato, em seu local de moradia ou em cidades vizinhas, com projetos de ONGs ou de extensão universitária que partiram do local de sua sede física ao encontro deles, a exemplo dos já citados e daquele que passaremos a falar mais detidamente agora, o fruto da parceria existente entre o *Vição Paraíba* e o *Projeto Cinestésico: o Laboratório de Roteiro para Jovens do Interior da Paraíba - JABRE*.

O *JABRE*, com o apoio da *Associação Cultural do Congo - ACCON*; da Prefeitura do Congo; e das pousadas *Paraíso da Serra* e *Nas Alturas*, visa descentralizar, dentre jovens do interior paraibano, tanto o acesso às informações quanto o processo de formação e produção cinematográficas, desmitificando-os, aproximando sonhos e realizações. O período de candidaturas é anunciado nas redes sociais e as inscrições são por e-mail. Dez argumentos dentre são selecionados por ano (em 2015, ampliou-se para 15, possibilitando a participação de jovens do eixo Campina Grande-João Pessoa) e em caso de inviabilidade de participação de alguém, a vaga é ocupada por suplente.

A metodologia do *JABRE*, além de relaxamento às noites em torno da fogueira e sob o céu estrelado do Cariri ou do Sertão, proporciona exibição e debate de filmes de diversas nacionalidades; a socialização de cada argumento para todos os participantes; a formação de três subgrupos de trabalho (ficção, documentário e doc-fic), pelos quais os coordenadores e monitores (participantes de edições anteriores) circulam; a discussão coletiva dos projetos de roteiro a partir dos argumentos modificados nos subgrupos; a retomada do trabalho individual; nova reunião de subgrupos; reunião geral para a apresentação dos roteiros finalizados; eleição dos roteiros a ser premiados; exibição de filmes indicados pelos participantes; e confraternização final. A projeção audiovisual, muito mais que simples fruição (MARTIN, 1990) possibilita o ensino e o desvelamento da linguagem cinematográfica. Prioriza a produção paraibana, mas não exclui outras, cumprindo o princípio cineclubista de promover debates após a exibição, estimulando diálogos sobre questões de interesse local e global, socializando com os sujeitos as características cinematográficas, qualificando-os em sua formação na leitura reflexiva das mídias e nas criações experimentais. O processo de discussão dos temas dos roteiros parte sempre de uma perspectiva descentralizada, na qual todos opinam e sugerem. O caráter formativo das atividades possui três dimensões: 1) o processo de exibição e a vivência proporcionada pelos debates; 2) a discussão das atividades e de seus resultados; e 3) os esclarecimentos sobre linguagem cinematográfica para a criação de roteiros.

Do argumento construído individualmente à elaboração coletiva dos roteiros, estimulam-se a reflexão e a produção de filmes com temáticas significativas para os participantes. A produção audiovisual de doze dos roteiros desenvolvidos nas cinco edições do *JABRE* em muito incentiva o crescimento da autoestima desses jovens que vivem em locais sem acesso algum ao cinema. No fim, os participantes avaliam o *JABRE*. A maioria relata que não conhecia a linguagem cinematográfica e afirma que o Laboratório enriqueceu sua percepção fílmica e também sua vida.

Os jovens entram com um argumento, saem com um roteiro próprio desenvolvido em processos individuais e coletivos de criação no *JABRE*, mas apenas um ou dois participantes realizam o audiovisual.

2. O CINEMA NO CARIRI PARAIBANO

O município do Congo, localizado no cariri paraibano, nos últimos 9 anos, vem vivenciando ações contínuas ligadas ao cinema em ambientes educativos, tanto em escolas públicas quanto em instituições de proteção às crianças e adolescentes, como o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos - SCFV, criado pelo governo federal, para atender crianças e adolescentes que se encontram em vulnerabilidade social. O momento ápice de celebração da sétima arte na cidade e de todo o trabalho realizado nesses ambientes educativos que analisaremos mais adiante se consolida na realização anual do *CineCongo*, festival de cinema que desde 2009 vem transformando a realidade local, democratizando o produto audiovisual a toda população congolense.

Para entendermos melhor essa vivência prática existente na pequena cidade interiorana que apresenta, segundo o IBGE (2015), uma população de 4.780 habitantes, e a pontuação de 0, 581 em seu Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM,

segundo o último senso realizado em 2010, será preciso primeiramente entender a importância de projetos como o *ViAção Paraíba*, o *Cinestésico* e o *JABRE – Laboratório de Roteiro para Jovens do Interior da Paraíba*, que há alguns anos vêm possibilitando a jovens do interior paraibano um envolvimento direto com o cinema através da educação. Esses projetos, sem sombra de dúvida, acabaram contribuindo intrinsecamente para o desdobramento do cinema como ferramenta de transformação crítica e social, não só na cidade de Congo, mas em vários municípios circunvizinhos que congregam a região do Cariri Paraibano, tais como as cidades de Coxixola, Serra Branca e São José dos Cordeiros, que pela experiência vivenciada por alguns de seus jovens estudantes universitários, a partir das edições do *CineCongo*, resolveram também criar em suas cidades festivais de arte e cultura, sobre os quais iremos nos ater mais adiante.

2.1. O Cinema no Congo Paraibano

A cidade do Congo na Paraíba nunca possuiu sala de cinema. O primeiro contato com o cinema nessa municipalidade ocorreu em 2003, não com o processo de exibição de filmes comerciais, mas com a produção amadora do curta-metragem “*Joaquim Pecherada*” (Fic., 22 min.), realizado por Arnaldo Farias, professor da rede estadual de ensino, contando com a ajuda de seus estudantes, parentes e amigos. Em 2006, produziu-se na cidade, também de maneira amadora, o longa “*Palavras de um menino em busca de um sonho*” (Dir: José Dhiones, Fic., 68 min.), com a participação de 58 pessoas, nos fins de semana em que estavam disponíveis para as gravações. Crianças, adolescentes e adultos viajavam de Toyota por várias comunidades rurais para gravar nas locações escolhidas para o filme. Em 2007, parte dos membros desse grupo resolve criar a *Associação Cultural do Congo – ACCON*, buscando fortalecer a cultura e o cinema na localidade. Ainda em 2007, há a gravação do média-metragem ficcional “*O carneiro de ouro*” (Dir: José Dhiones, Fic., 38 min.), com o mesmo grupo de pessoas percorrendo vários pontos do complexo geomorfológico da Serra da Engabelada, na região.

Em 2008, surge o *Projeto ViAção Paraíba*, idealizado por Torquato Joel, técnico da UFPB e cineasta paraibano renomado. Influenciado por Soraia Jordão, congolense, moradora em João Pessoa, Joel traria tal projeto de interiorização do cinema até o Congo. O *ViAção Paraíba*, visa capacitar e despertar no jovem o olhar crítico, além da sensibilidade no ato de se fazer cinema. A metodologia desse projeto envolve a construção básica de um roteiro para cinema, sua linguagem técnica, além de exibição e debate de filmes. Depois do trabalho do *ViAção Paraíba* no Congo, os jovens da cidade envolvidos com as dinâmicas do projeto, deixaram de lado os “mega projetos” de produção de longa-metragem *naif*, uma vez que, agora, possuíam conhecimento sobre as técnicas de como fazer, e começaram a produzir filmes mais concisos, preocupados com a função crítica e sucinta que possui o curta-metragem. Além disso, para dar continuidade às ações desenvolvidas durante a vigência do projeto na cidade e democratizar o acesso ao cinema aos seus conterrâneos, esses jovens criaram através da *ACCON* uma mostra de cinema com filmes paraibanos, aberta e gratuita para toda a população. Essa ação foi tão bem acolhida pelos habitantes da cidade que os membros da *ACCON* resolveram dar continuidade à mostra, criando em 2009 o festival *CineCongo*.

Já a experiência vivenciada durante os sete anos de existência no *Laboratório de Roteiro para Jovens do Interior da Paraíba - JABRE*, criado em 2011, pode proporcionar aos jovens selecionados tanto conhecimento e segurança sobre aquilo que se deseja construir, a partir de um argumento, passando pelo roteiro literário, que logo será transformado em roteiro técnico, como também a pensar criticamente em como a(s) narrativa(s) será(ão) contada(s) em imagens e sons.

O laboratório é um verdadeiro processo de imersão, denso, prazeroso e desafiador. Dez a quinze jovens se isolam em uma pousada e durante quatro dias passam por um processo de (re)construção e reflexão sobre o roteiro que pretendem produzir. Os participantes também se encontram coletivamente e socializam o andamento de suas intenções, depois são divididos em três grupos, um de ficção, um de documentário e outro de híbrido (doc-fic), nos quais trabalham os projetos e debatem sob a égide da perspectiva do gênero cinematográfico a que estão associados, e também trabalham individualmente, focados em seus próprios roteiros. Os cineastas Torquato Joel e Virgínia Silva são responsáveis pelo laboratório e orientam os jovens no desenvolvimento de cada roteiro. À noite, os participantes do *JABRE* participam de exibições e debates de filmes, alguns produzidos por seus egressos. Particularmente, a experiência que adquirimos no laboratório, nos proporcionou inúmeros ensinamentos, não só para a questão do conhecimento cinematográfico, mas, inclusive, para a vida.

Somente após 113 anos de sua invenção, o cinema chegou para ficar no Congo. Jovens voluntários da *ACCON* começaram um projeto semelhante ao vivenciado durante o *ViAção Paraíba*, levando oficinas de produção audiovisual para estudantes e professores de escolas públicas Estadual e Municipal de ensino e para crianças e adolescentes do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI), que atende crianças de 7 a 14 anos, e Projovem Adolescente, que atende adolescentes de 15 a 17 anos. Tais programas foram vinculados, recebendo a nomenclatura de SCFV – Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

Em 2012, foram realizados pelas 80 crianças do PETI 09 filmes de 1 minuto, já os 20 adolescentes atendidos pelo Projovem realizaram 4 filmes minutos, totalizando assim 13 filmes, com os quais promoveram, em 6/7/2012, o festival de cinema infanto-juvenil “*Curta na Infância*”. Ao todo foram produzidos 9 ficções e 4 documentários. No mesmo ano, na Escola Municipal de Educação Fundamental do Congo foi produzido 1 documentário com os alunos, sob a responsabilidade da Escola Municipal, da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e em parceria com a *ACCON*.

Em 2013, na Escola Municipal foi produzido 1 documentário com os alunos do Programa de Educação para Jovens e Adultos - PEJA, registrando em vídeo a história do grupo centenário de Coco de Roda, localizado no Sítio Riacho do Algodão. Na *Casa da Cultura Mira Ramos*, onde funciona a *ACCON*, foi implantado o *Cineclubes Torquato Joel*, com capacidade para atender 25 alunos por sessão. Pelo SCFV são produzidos pelos adolescentes, 12 filmes, sendo 11 ficções e 1 documentário. Todos esses filmes

foram exibidos em mostra específica durante o 5º Festival *CineCongo*. Já em 2014, foram produzidos 03 filmes, sendo 02 documentários e 1 ficção. No entanto, em 2015, houve um expressivo crescimento das produções audiovisuais. Os estudantes do ensino médio da Escola Estadual Manoel Alves Campos (EMAC), localizada no Centro do Congo, participaram da Oficina de Linguagem Cinematográfica e Produção Audiovisual, organizada pelos alunos do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) do Curso de Sociologia da UFCG, em parceria com a ACCON.

Os 120 alunos dos turnos matutino e vespertino da EMAC produziram 17 vídeo-minutos ligados à linguagem da literatura e da charge, trabalhando os temas atuais da Sociologia. Esses filmes foram exibidos e debatidos na *Mostra Cinema Pibid/Sociologia*, ocorrida no dia 20 de novembro, durante a programação do 7º *CineCongo*. Todos os filmes tiveram caráter ficcional. Além desses, foi produzido por alguns jovens membros da ACCON 1 documentário que foi exibido no dia 22 de novembro, durante o referido festival de cinema em praça pública. Todas as exposições foram gratuitas e bastante concorridas pelo público.

Ainda em 2015, a Escola Municipal do Congo (EMC) implantaria no mês de junho o Cineclubes Escolar, com capacidade para atender 30 alunos por sessão, beneficiando estudantes do Ensino Fundamental I e II, dos turnos da manhã e da tarde, quinzenalmente. Os discentes assistem a filmes paraibanos e nacionais, os debatem juntos com seus professores e/ou equipe pedagógica e, em seguida, produzem relatórios que, por sua vez, são lidos, comentados e arquivados na própria escola.

Para melhor ilustrar, de modo cronológico e de acordo com as respectivas instituições realizadoras, a produção de filmes, bem como a criação de outras importantes ações em torno da questão cinematográfica, em ambientes educativos, formais ou informais, durante o período compreendido dentre os anos de 2003 a 2015, na cidade de Congo, no Cariri da Paraíba, construímos a tabela sistemática abaixo.

Muitos dos filmes exibidos nos cineclubes, escolas e festivais de arte e cultura foram doados pelo Projeto Cinestésico, cumprindo o desdobramento de suas ações baseadas no tripé ensino, pesquisa e extensão. O Projeto Cinestésico desde 2008 vem prestando também assistência a festivais e a mostras de cinema em todo o estado da Paraíba, naquilo que tange a realização de oficinas relacionadas ao cinema e à educação. As oficinas são direcionadas a professores e estudantes da rede pública de ensino de cada localidade, mostrando-lhes algumas das maneiras que o cinema pode ser trabalhado em sala de aula. O Cinestésico presta assistência à ACCON e associações culturais do Cariri, distribuindo materiais, tais como livros, filmes, revistas e outros, que auxiliam no desenvolvimento das atividades e na promoção do cinema junto à educação. Os outros filmes que compõem o acervo audiovisual da ACCON foram doados por entidades e cineastas que submeteram seus filmes aos editais das diversas edições do Festival *CineCongo*.

Outros desdobramentos resultantes das ações do Vição Paraíba, JABRE, Cinestésico, ACCON e do próprio *CineCongo* são os "Festivais de Arte e Cultura" do Cariri Ocidental da Paraíba. Um movimento social que defende o patrimônio cultural local e que tem se tornado celeiro das mais variadas formas de expressão artístico-cultural deste pólo regional. Esse movimento acontece em cidades como Coxixola, Serra Branca e São José dos Cordeiros e se intensifica tanto e cada vez mais que podemos caracterizá-lo como sendo sociocultural. Tal movimento teve seu início e fase de consolidação quando jovens universitários das cidades supracitadas, estiveram de 24 a 27/10/2013, participando do 5º *CineCongo* – Festival Audiovisual da Paraíba, no município de Congo, que, além de exibir a sétima arte, agrega outros tipos de linguagens artísticas – música, dança, moda, artesanato, poesia, teatro, passeios ecológicos, dentre outros - durante a sua realização.

Tabela 1: Ações de Cinema e Educação - Congo/PB

| Ano | ACCON | SCFV (PETI/ PROJOVEM) | EMAC | EMC |
|------|--|-----------------------|---|-----|
| 2003 | - | - | Joaquim Pecherada (Fic. 22') Dir: Arnaldo Farias | - |
| 2006 | Palavras de um menino em busca de um sonho (Fic. 68') Dir: José Dhiones | - | - | - |
| 2007 | O Carneiro de Ouro (Fic. 38') Dir: José Dhiones | - | - | - |
| 2008 | - | - | - | - |
| 2009 | Morte Morfina (Fic. 1') Dir: José Dhiones O céu da boca morta (Fic. 15') Dir: Audaci Jr | - | - | - |
| 2010 | - | - | - | - |

| | | | | |
|------|---|--|--|--|
| 2011 | Fubo é bom (Doc. 5'45") Dir: José Dhionnes | - | - | - |
| 2012 | Pensamento Severina (Fic. 1') Dir: José Dhionnes Praça Papai Amaro (Doc. 9'39") Dir: Antonio Filho | O chute (Fic. 58") Dir: Luíz Felipe Pedaladas (Fic. 1'10") Dir: Carlos Ferreira O som da vida (Fic. 1') Dir: Danilo Basílio Azul (Fic. 1'17") Dir: Mikaele da Costa Alô! (Fic. 1'07") Dir: Maria Camilly Salsicha (Fic. 1'26") Dir: Maria Eunice Pode ser 5 (Fic. 1'09") Dir: Edberto Cardoso Tá doído (Fic. 1'18") Dir: Carlos Roberto Patrick (Fic. 1'13") Dir: Williane Moura Dívidas de Deus (Doc. 1'25") Dir: Camila Lorrana O poeta e o celular (Doc. 1'14") Dir: Clécia Maria Profecias de poeta (Doc. 1'25") Dir: Raniele Pereira O homem e o hino (Doc. 1'27") Dir: Kaique Lima | - | De cara limpa com as drogas (Doc. 5'27") Dir: Escola Municipal/ SEMEC |
| 2013 | Implantação do Cineclubes Torquato Joel (Casa da Cultura Mira Ramos) | Nas Marcas (Fic. 2'42") Dir: Ana Duarte Filha (Fic. 2'39") Dir: Ana Lúcia Lins Prova (Fic. 2'06") Dir: Davi Neves Amigo (Fic. 2'14") Dir: Erick Silva Dudu e eu (Fic. 2'14") Dir: Lis Catariny Ao meu sobrinho (Fic. 3'19") Dir: José Dhionnes Nunes Presente (Fic. 2'36") Dir: Larissa Drummond Dona Helena (Doc. 3') Dir: Jefferson Muryel A menina de sal (Fic. 4'36") Dir: Isabelly Oliveira Papa (Fic. 4') Dir: Elvis Aguiar Ângela (Fic. 2') Dir: Simone Soares A oferenda (Fic. 1'26") Dir: Fabiana Aleixo | - | Coco de Roda (Doc. 8'31") Dir: Marinaldo Chaves |
| 2014 | Eu não deixei de fotografar (Doc. 8') Dir: Larissa Drummond Cotidiano (Doc. 4') Dir: Lais Fernandes Dito (Fic. 3') Dir: José Dhionnes | - | - | - |
| 2015 | Águas passadas (Doc. 3') Dir: Coletivo ACCON | - | Apolítico (Fic. 35") Dir: Coletiva 1B Brincadeira de criança (Fic. 38") Dir: Coletiva 1B Escanteio (Fic. 38") Dir: Coletiva 1B Esperto (Fic. 1') Dir: Coletiva 2A Eu votei no primeiro da fila (Fic. 1') Dir: Coletiva 2º A Jeitinho (Fic. 1') Dir: Coletiva 1B Mundo virtual (Fic. 1') Dir: Coletiva 3B O que é travesseiro? (Fic. 1') Dir: Coletiva 2B Passe a resposta errada (Fic. 1'04") Dir: Coletiva 1B 1º voto (Fic. 1') Dir: Coletiva 1B Propinando (Fic. 1') Dir: Coletiva 2A Tio (Fic. 0'46") Dir: Coletiva 1º A Torcedores (Fic. 1') Dir: Coletiva 3B Tortura no Brasil (Fic. 41") Dir: Coletiva 2B Você sabe o que é democracia (Fic. 33") Dir: Coletiva 2B Tecnológico (Fic. 49") Dir: Coletiva 3A Acordamos bem antes (Fic. 34") Dir: Coletiva 1A | Implantação do Cineclubes Escolar |

Fonte: Elaborada pelos autores especialmente para esse trabalho.

A partir disso, o grupo de estudantes universitários da região do Cariri decidiu criar festivais na linha metodológica daquilo que presenciaram, durante a vivência na cidade de Congo. Os jovens demonstraram preocupação em também apresentar a cultura de sua localidade para as pessoas do próprio lugar, sensibilizando e democratizando o acesso à arte, percebendo-a como direito de todos. Os estudantes interessaram-se em realizar alguma ação parecida em seus respectivos municípios e buscaram espaços públicos para a realização dos festivais. Ao longo dos anos, foi criada uma rede de articulação entre todos os produtores culturais locais, o que perdura até os dias atuais. O mais importante desta experiência é percebermos que cada festival se preocupa em despertar e sensibilizar a identidade local de seu povo, não estando preocupado com o que tenta ser imposto pela indústria cultural massificada. O Festival de Arte e Cultura de cada uma dessas cidades ocorre anualmente, tornando-se um momento celebrativo e de consagração, em virtude da visibilidade que é dada àquilo que foi produzido durante todo o ano. As oficinas e mostras de filmes ocorrem no último dia da realização do festival, envolvendo

assim toda a população que se direciona até o espaço de realização para ver filmes locais, paraibanos, nacionais e estrangeiros. Depois que cada cidade realizou seu primeiro Festival de Arte e Cultura, foram se formando outras associações culturais, através das redes de mobilização e articulação realizadas pela ACCON com os estudantes universitários da região. Em Coxixola foi criada a *Associação Cultural de Coxixola (ASCOX)*; em Serra Branca a *Associação Cultural de Serra Branca (ACULTA)*; e em São José dos Cordeiros, a *Associação Cultural de São José dos Cordeiros (AREDECÔ)*. Sendo assim, a ACCON torna-se uma referência na luta por produção e acesso a bens culturais da região caririzeira.

Todos esses exemplos específicos de referências e desdobramentos gerados no Cariri, inicialmente promovidos por alguns importantes projetos de interiorização cinematográfica na Paraíba, capitaneados por profissionais da UFPB (*Viagem Paraíba, Cinestésico, JABRE*), e depois pela ação encorajadora desenvolvida por um coletivo dos jovens de uma de suas próprias cidades (ACCON), de maneira bem simples acabaram fazendo uma complexa diferença local, e até mesmo muito mais que isso, pois possibilitaram tornar alguns jovens estudantes em produtores e promotores culturais, transformando não só as suas vidas pessoais, como também a rotina de suas comunidades. É notória a transformação que o cinema vem proporcionando na cidade de Congo e em cidades circunvizinhas do Cariri Paraibano, no que diz respeito principalmente à sétima arte. No entanto, dada a nossa experiência com as constantes descontinuidades pedagógicas, continuamos nos perguntando: será que os desdobramentos ocorridos há alguns anos, tanto na cidade de Congo quanto na circunvizinhança do Cariri Paraibano, são o bastante para que se mantenha desenvolvendo ações ligadas ao cinema nos ambientes educativos da região?

3. CONCLUINDO

Concluimos, assim, que, para que as ações culturais continuem ocorrendo de maneira sustentável, será preciso buscar cada vez mais apoio junto a instituições e projetos de extensão, ligados à área educacional e que visem a capacitar de maneira continuada os profissionais e os estudantes de toda a rede de ensino formal ou informal, pois os trabalhos realizados em ambientes educativos fortalecem e contribuem no desenvolvimento educacional, cultural, social e político dos sujeitos e da região.

O cinema, muito embora seja compreendido como mais um elemento pedagógico, ainda precisa ser institucionalizado, haja vista a luta de educadores e de profissionais do audiovisual para que haja dignidade no aporte de verbas para o setor na Paraíba. Por outro lado, ressaltamos o apoio da Prefeitura do Congo, da ACCON, das Pousadas e dos participantes do JABRE, que exemplifica a importância da participação nos processos formativos. Apontamos ainda o papel educativo das reuniões com os jovens no JABRE, em que se partilham experiências. Cremos, assim, ser fundamental a aproximação entre extensão, ensino e pesquisa. Lamentamos, no entanto, que a falta de estrutura limite ações como essas a um quantitativo restrito de sujeitos. Enfim, testemunhamos a gama de sensações e impressões conceituais, materiais e simbólicas, que denotam a força conotativa que o cinema impregna em cinéfilos ou em espectadores eventuais. Podemos afirmar que a leitura crítica de produtos fílmicos é importante para que os espectadores questionem os estereótipos e valores em geral veiculados pelo circuito comercial.

A Paraíba necessita da criação de políticas públicas para o pleno fomento de sua capacidade artístico-econômica audiovisual. Essa é uma das bandeiras de luta do Fórum do Audiovisual Paraibano, ao qual também devem se somar os educadores, na perspectiva de se ampliar o debate em torno dos efeitos da Lei nº 13.006 (BRASIL, 2014), ou seja, sobre quais filmes, de fato, queremos exibir e debater em nossas escolas com nossos pares e estudantes, antes que as grandes distribuidoras nacionais e estrangeiras venham impor os seus produtos cinematográficos a todo o sistema de ensino da educação básica nacional, a exemplo do que já ocorre com os pacotes de livros didáticos e paradidáticos no Brasil, editados na Região Sudeste, em sua imensa maioria, e enviados a todo o território nacional, a despeito de toda diversidade cultural e regional que o nosso imenso país apresenta.

REFERÊNCIAS

- Aumont, J.; Marie, M. (2003). *Dicionário teórico e crítico de cinema*. Campinas: Papirus.
- Bergala, A. (2008). *A Hipótese-Cinema*. Rio de Janeiro: Booklink e CINEAD/UFRJ.
- Brasil. Senado Federal. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*: nº 9394/96. Brasília.
- *Lei 13.006/2014*, de 26 de junho de 2014. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm. [Acesso em: 18 de janeiro de 2016.]
- Deleuze, G. (1983). *A Imagem-Movimento*. São Paulo: Brasiliense.
- (2007). *A Imagem-Tempo*. São Paulo: Brasiliense.
- Duarte, Rosália. (2002). *Cinema e educação*. Belo Horizonte: Autêntica Ed.
- Guigue, A. (2004). "Cinema e experiência de vida". In: Morin, E. *Religação dos saberes o desafio do século XXI*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Martin, M. (1990). *A linguagem cinematográfica*. São Paulo, Brasiliense.

CURRÍCULOS

Virgínia de Oliveira Silva

PhD em Educação (UERJ), Doutora (Uff) e Mestre em Educação (UFRJ), Licenciada em Letras (UFRJ) e em Cinema e Audiovisual (Uff), Bacharel em Comunicação (UFPB), Professora Associada II do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Coordenadora do Projeto Cinestésico – Cinema e Educação, Líder do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Gestão Educacional e Participação Cidadã da UFPB.

José Diones Nunes dos Santos

Graduado em Pedagogia (UEPB) e em Ciências Sociais (UFCG). Pós-graduado em Psicopedagogia e Supervisão Escolar pela Universidade Cândido Mendes/RJ, Professor da Educação Básica do Município de Camalaú/PB. Presidente da Associação Cultural do Congo-PB, participa do Núcleo de Estudos em Ensino em Sociologia (NuSOCIO/UFCG) e do Grupo de Pesquisa Políticas Públicas, Gestão Educacional e Participação Cidadã da UFPB.